

(De)formações: resistências docentes



Ao longo de minhas itinerâncias e errâncias, lecionando filosofia, ouvi de alguns estudantes a queixa de que a escola é um lugar desinteressante, sem beleza e sem vida. Cenário comum não só no meu *lócus* de trabalho, mas, infelizmente, na maioria das escolas, bem como em muitas universidades. Por exemplo, mesmo depois da passagem do antigo CEFET para os Institutos Federais, encontramos *rastros* tecnicistas que concebem a formação direcionada, principalmente, para o mercado de trabalho, desconsiderando outras áreas do conhecimento, faculdades e instâncias vitais àqueles que se formam.

Fortalecimento no campo técnico e econômico em detrimento da formação ética, política e estética. Outrossim, podemos encontrar concepções de formação que têm como teleologia a aprovação em exames nacionais para a inserção em universidades e cursos que deem destaque socioeconômico. Em ambos os casos, percebemos a formação como um meio para se chegar a um fim estabelecido, firmado, pronto. O processo é, portanto, vilipendiado, recalçado, negado, silenciado e ignorado.

Diante deste contexto, como podemos pensar numa formação que resista às imposições de moldes majoritários na contemporaneidade?

Foucault nos dá uma fórmula lapidar e emblemática da qual partimos, isto é, ele afirma que “onde há poder, há resistência”(1988, p.91).Doravante, para conceber linhas de luta, suponho que a noção de deformação pode nos servir como ideia-força para produzir linhas de fuga das formas/fôrmas que estabelecem modelos *a priori* das ditas competências necessárias aos formadores.

Mas então do que se trata? Deformar implica em insurgir contra as formas da representação e da identidade nos processos formativos docentes. Em outros termos, consiste em romper com as padronizações rígidas que direcionam formas de pensar, sentir e agir na formação docente.

Por que optei pela deformação em detrimento da transformação? Porque transformar é ir de uma forma a outra. Tem-se nos movimentos de transformação a passagem de um ponto original para um ponto referencial. Isso significa que há condições de possibilidade em processos evolutivos delimitados. A educação, de modo geral, vê com bons olhos tudo aquilo que pode ser interpelado, previsto e interpretado. Por outras vias, Francis Bacon¹ deforma as formas para atingir seus *figurais*², isto é, não imitar as cópias. Tal resistência possibilita liberar as forças criativas e invisíveis das formas fixas e torná-las visíveis. Desta feita, não há lugar para significação, subjetivação e organização (DELEUZE; GUATTARI, 1996) enquanto característicos da formação subjugada à representação e à identidade. Deformar-se é liberar as forças encarceradas que estão sob o jogo/jugo das formalizações que colmatam as potencialidades inventivas para, assim, romper com os clichês da formação docente ao imprimir a diferença e a subversão.

Expressar deformações na formação é entrar em processos de singularização impessoais e pré-individuais que escapam dos grilhões da

¹ Pintor Irlandês (1909-1992).

²Deleuze rouba o conceito de figural de Lyotard em oposição ao figurativo. Deleuze (2007, p.12) afirma que: “A pintura não tem nem modelo a representar, nem história para contar. Por isso, possui como que duas vias possíveis para escapar do figurativo: em direção a uma forma pura, por abstração; ou em direção a um puro figural por extração ou isolamento”.

identificação. Desconhecer-se (e fazer desconhecer) em frente do espelho ou da sala de aula.

Sobre o autor

Professor de Filosofia do IFBA e doutorando em Educação pela FAGED/UFBA. Membro do FORMACCE em Aberto.

Referências

DELEUZE, Gilles. Francis Bacon: Lógica da sensação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.3. São Paulo: Ed.34, 1996.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.